

REMÉDIO PARA O MUNICIPALISMO

A COMUNIDADE
NO PODER

Experiências do Município de
Boa Esperança - ES
1977 a 1980

ES00907
56/2/1982
EX: 2

AMARO COVRE

REMÉDIO PARA O MUNICIPALISMO

A COMUNIDADE
NO PODER

Experiências do Município de
Boa Esperança - ES
1977 a 1980



AMARO COVRE



ES00907
5672/82
Ex. 2.

Apresentação

O êxodo rural tornou-se para a Nação uma realidade assustadora e um verdadeiro desafio aos homens que comandam os destinos deste País. Este trabalho, escrito num linguajar simples e próprio do homem do meio rural, tem como objetivo mostrar as experiências de um trabalho comunitário, as dificuldades enfrentadas pelo homem do campo, os caminhos para tirar esse homem do anonimato, a metodologia aplicada e os resultados alcançados.

Depois que este trabalho foi iniciado, algumas coisas mudaram nas esferas Federal e Estadual, tentando atingir os mesmos objetivos.

Isto é um sinal de que a nossa ideologia não é tão pequena.

Nosso trabalho não é cansativo, portanto compensa fazer um sacrifício e lê-lo até o fim. Temos certeza de que discordará de muitas coisas, mas muitas coisas de positivo há de encontrar.


AMARO COVRE



DOAÇÃO

FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES BIBLIOTECA Ex 2.	
NÚMERO	DATA
5672	08/22/02

Sumário

APRESENTAÇÃO

1. O MUNICÍPIO DE BOA ESPERANÇA - ES – Características Gerais
2. COMO SAIR DO NADA E PROSPERAR
 - 2.1. Período de Decadência do Município
 - 2.2. O Trabalho Comunitário
 - 2.3. A União de Todos Faz a Força
 - 2.4. A Administração Comunitária
3. FORMAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO TRABALHO COMUNITÁRIO
 - 3.1. Formação das Comunidades de Base
 - 3.2. Funcionamento
 - 3.3. Centros de Irradiação
 - 3.4. Objetivos dos Centros de Irradiação
 - 3.5. A Gincana
 - 3.6. O Conselho Municipal de Desenvolvimento
 - 3.7. Funcionamento do Conselho
 - 3.8. Objetivos do Conselho
 - 3.9. Conscientização
4. RESULTADOS ALCANÇADOS
 - 4.1. Educação
 - 4.2. Saúde e Assistência Social
 - 4.3. Indústrias Caseiras
 - 4.4. O Mutirão
 - 4.5. Economia
5. COMO SURGEM OS PROBLEMAS
 - 5.1. Causas dos Problemas Sociais
 - 5.2. Causas do Empobrecimento dos Municípios
6. EM BUSCA DE SOLUÇÕES
 - 6.1. A Exploração Agrícola Moderna
 - 6.2. Plano de Trabalho
 - 6.3. A Terra
 - 6.4. Metodologia Aplicada
7. RESULTADOS DE PALESTRAS PROFERIDAS
 - 7.1. Perguntas e Respostas Originárias de Várias Palestras
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS
 - 8.1. O Êxodo Rural
 - 8.2. Causas das Migrações
 - 8.3. Fixação do Homem ao Campo



1. O MUNICÍPIO DE BOA ESPERANÇA - ES -- CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Município de Boa Esperança foi desmembrado do Município de São Mateus em 28/12/1963, pela Lei Estadual nº 1912, publicada no Diário Oficial do Estado em 04/01/1964 e instalado em 03 de maio do mesmo ano.

Está localizado na Micro-Região Homogênea (204). Possui uma área de 344 km², e limita-se com os seguintes Municípios: ao Norte - Pinheiro, ao Sul - Nova Venécia, a Leste - São Mateus e a Oeste - Mucurici.

Compõem o Município os Distritos da Sede e Sobradinho e as Agro-Vilas de Quilômetro Vinte, Santo Antonio e Bela Vista, que distam da Sede, respectivamente 25, 15, 09 e 08 quilômetros.

A população do Município foi estimada em 14.320 habitantes, e está assim distribuída: 10.457 no meio rural e 3.863 na zona urbana. Essa população é constituída de mineiros, baianos, sergipanos, fluminenses e capixabas. Sua densidade demográfica é de 41,63 habitantes por km².

Dista da capital do Estado 300 km, sendo 55 em estrada de chão, passando pela BR-101, via São Mateus e 28 km de chão pela BR-130, via Nova Venécia.

A topografia é plana, suavemente ondulada, predominando os solos classificados como "Latosol Vermelho Amarelo Distróficos", com fertilidade de média a baixa e PH em torno de 5 (cinco) e também o Podzólico Vermelho Amarelo e Latosol Vermelho Escuro Entrófico, que têm fertilidades variando de média a alta, com um PH em torno de 5,5 a 6,0.

O clima é quente, com média de 25° C; média das máximas 30° C e média das mínimas 20° C. A média pluviométrica é de 1128,4 mm de chuvas e sua maior ocorrência é nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro.

Com referência à estrutura agrária, temos hoje 692 propriedades cadastradas no INCRA, predominando as pequenas e médias propriedades, que variam de 50 a 01 alqueire de 48.400 m² e 06 propriedades acima de 100 alqueires.

2. COMO SAIR DO NADA E PROSPERAR

2.1. PERÍODO DE DECADÊNCIA DO MUNICÍPIO

De 1964 a 1970, quando o Município ainda engatinhava nos seus primeiros anos de vida, ocorreu a erradicação dos cafezais. Os agricultores, acostumados com esta monocultura, ignoravam a exploração de outras culturas e riquezas existentes.

A economia do Município foi reduzida a 18.000 cabeças de gado de corte e à exploração da madeira de lei que ainda restava. As casas perderam seus valores comerciais e o comércio ficou reduzido a um bar, uma casa de secos e molhados e duas lojinhas de tecidos.

Saíam do Município, em média, 10 caminhões "paus de arara" por mês, conduzindo as famílias para os Estados do Paraná, Rondônia, Mato Grosso,

Goiás e Pará. Os pecuaristas planejavam fazer da praça municipal um embarcadouro de animais.

Nessa época, o Tribunal de Contas do Estado aconselhava ao Governador a extinção do Município por falta de viabilidade econômica, devendo voltar à incorporação de sua área ao Município de origem - São Mateus. Com essa notícia, todas as portas das Secretarias de Estado foram fechadas para Boa Esperança e as coisas tornavam-se cada vez mais difíceis para todos.

As pequenas e médias propriedades estavam desaparecendo, tendo em vista a aquisição das mesmas pelos pecuaristas, por quantias irrisórias. Estes, para facilitar as aquisições, ateavam fogo nas pastagens e matas, desordenadamente, destruindo as lavouras existentes e expulsando o homem que estava sendo substituído pelo boi.

Esta era a lamentável situação do Município quando fomos eleitos para dirigir seus destinos, no biênio 1971/1972. Para salvá-lo, só havia uma saída e então, guiados pelas mãos do Altíssimo, iniciamos o trabalho comunitário que sofreu uma paralização no período de 1973 a 1976, em virtude de nosso sucessor não comungar com esta ideologia. Em 1977, quando assumimos novamente os destinos do Município, reativamos e oficializamos o trabalho comunitário, a fim de evitar futuramente uma nova paralização.

2.2 O TRABALHO COMUNITÁRIO

Tomamos como exemplo para nosso trabalho o que descrevemos a seguir: Uma grande indústria estava paralisada há vários dias com um problema nas instalações de água. Mandaram chamar muitos especialistas no assunto e nada resolveram. Um simples encanador da cidade foi então chamado. Primeiramente percorreu todo o sistema de instalação e finalmente deu uma martelada e tudo voltou a funcionar em perfeita ordem. Passou pelo escritório para receber seus honorários no valor de 100 (cem) dólares. O Gerente afirmou que não poderia pagar tal quantia, a menos que fosse especificado o serviço executado. O encanador deu o recibo especificando: uma martelada: 01 dólar; saber onde dar a martelada: 99 dólares. Foi isto exatamente o que fizemos, procuramos inicialmente saber onde dar as marteladas para depois dá-las com segurança.

O que está acontecendo em nosso País é que o Governo, através de seus representantes, nas diversas categorias de trabalho, está dando marteladas até demais, só que estão sendo dadas indiscriminadamente e não nos lugares certos.

O Município representava o réu, condenado à extinção. O Prefeito representava o advogado de defesa e os munícipes, as provas e testemunhas. A absolvição do réu dependia da participação consciente de todos. Não restava outra saída senão o trabalho comunitário, pois, até o FPM (Fundo de Participação dos Municípios) estava retido há 10 (dez) meses, pelo Tribunal de Contas da União.

A Prefeitura, sozinha, jamais superaria este grave problema e com base no princípio de que "ninguém caminha sozinho e que o homem, ser social, só consegue desenvolver-se integralmente através de uma comunidade em que todos lutam pelo progresso e bem estar de todos", unimos as nossas forças através de uma

ação comunitária.

Todos os munícipes foram chamados a participar com a união: COMUNIDADE DE BASE x PREFEITURA. Conseguimos formar uma corrente com elos poderosos, deixando de lado a era do egoísmo em que estávamos vivendo, preocupados apenas com nossos interesses e permanecendo alheios à realidade que nos cercava. Constituímos as comunidades de base e através delas fizemos um trabalho de conscientização, despertando aquele homem acomodado e descrente de tudo para os seus verdadeiros valores, mostrando que ele era capaz de grandes iniciativas e decisões e que seguisse o exemplo de JESUS CRISTO, que morreu de braços abertos para nos ensinar que não deveríamos permanecer de braços cruzados. Procuramos ainda despertar o homem do campo mostrando que ilusoriamente ele estava deixando o meio rural em busca de uma nova vida e acabava ocasionando uma migração em massa nos grandes centros e que ele iria passar mais privações do que estava passando no meio rural, pois ele não tinha uma profissão. O que sabia era trabalhar a terra e que teria de se sujeitar a um sub emprego. Mostramos que a terra é um dos fatores de produção e que apenas ela não estava sendo explorada como deveria ser e produzindo o que teria condições de produzir.

Inicialmente nos preocupamos com o desaparecimento do homem do campo, das pequenas e médias propriedades e com a recuperação econômica do Município que era a causa de nossa escassez de produção, da baixa produtividade e da péssima renda per capita. Isto nos levou a paralisarmos temporariamente alguns melhoramentos na Sede e a nos dedicarmos mais ao meio rural, já que o Município é de vida agrícola.

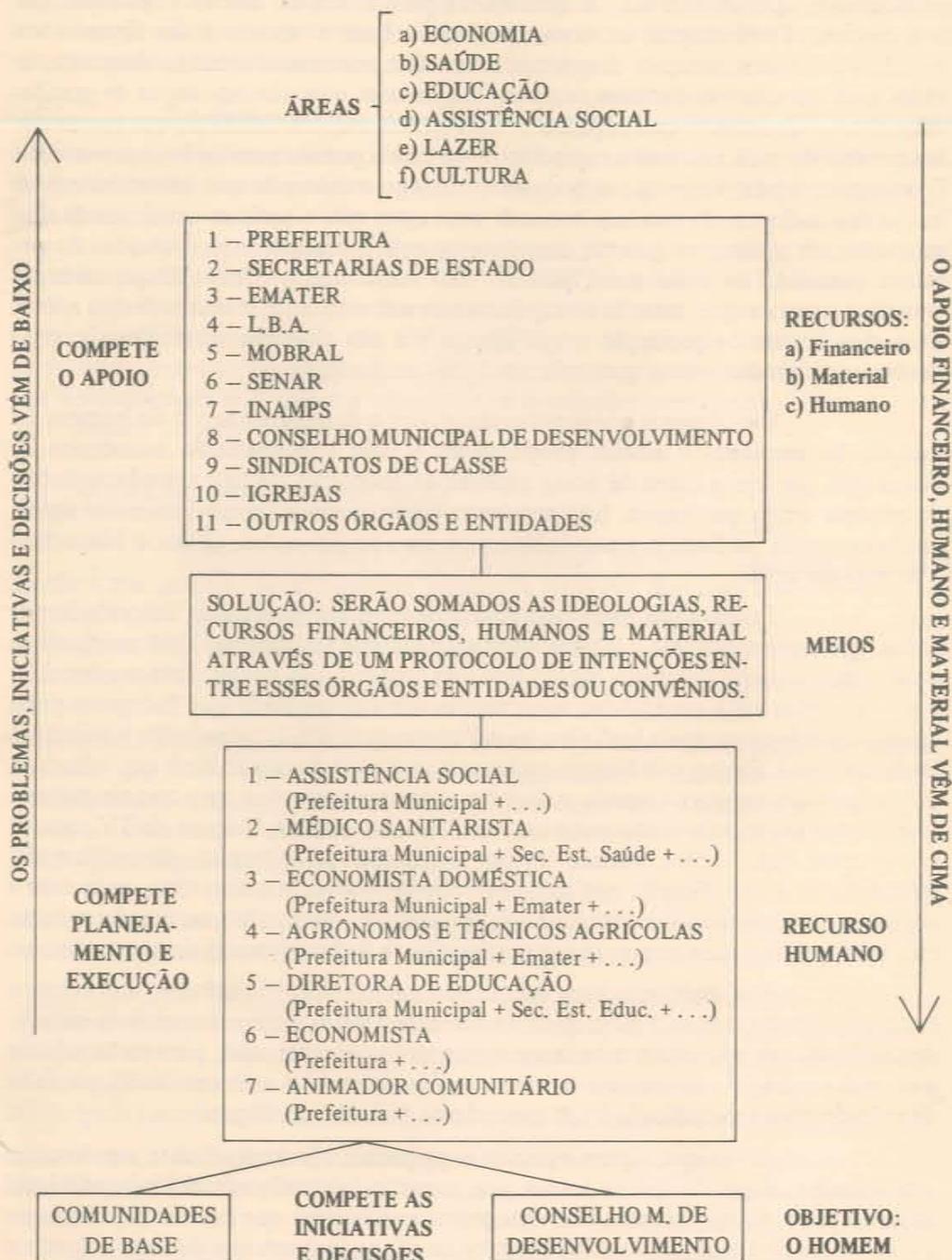
Procuramos levar para aquele homem marginalizado, desprezado por todos, que sempre ocupou o último lugar nas filas, que tinha como lazer unicamente o culto das 11 (onze) horas aos domingos e dias santos e que sempre fora repreendido e punido pelas leis e autoridades constituídas sob a alegação de que "ninguém pode ignorar o conhecimento da Lei". Ora, num País em que 60% da população é constituída de semi-analfabetos, que buscam na terra com o suor do seu rosto o que o homem do meio urbano coloca na panela, toda infra-estrutura necessária para que ele pudesse viver como gente, tais como: estradas, eletrificação, escolas, imagem de TV, praças de esportes, lazer, salões sociais, mudas e sementes selecionadas, diversificações, mecanização e tecnificação agrícola, assistência técnica e veterinária, máquinas e implementos agrícolas, assistência social, ambulatorial, preventiva, médico-hospitalar, etc., oferecendo àquele homem a mesma assistência dada ao homem do meio urbano.

Daí, partimos para os melhoramentos do meio urbano, sem correr o risco do homem deixar o meio rural, influenciado pelos melhoramentos da cidade, deixando de ser produtivo e de fazer aquilo que realmente sabe, para vir se sujeitar a um sub emprego e se transformar num problema social e num revoltado, por falta de mão-de-obra especializada e um mercado de trabalho condigno.

No início, alguns egoístas e pequenos ideologicamente, condenaram este trabalho, alegando que se levássemos primeiro tais melhoramentos e assistência ao meio rural, aquele homem não viria morar na Cidade e que iríamos liquidar com a vida da Sede. Pobres de espírito e dignos de dó, mal sabiam que de nada adiantaria

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA ESPERANÇA – ESPÍRITO SANTO

PLANO DE TRABALHO PARA EVITAR CHOQUES DE ÁREAS DE AÇÃO ENTRE OS ÓRGÃOS E ENTIDADES, BEM COMO, ATINGIR O HOMEM NAQUILO DE QUE ELE NECESITA COM MENOS RECURSOS HUMANO E FINANCEIRO.



o povo na cidade sem profissão, sem mercado de trabalho e sem dinheiro no bolso. O que melhora a vida comercial da cidade é gente sim, mas gente com dinheiro para comprar e pagar e não para mendigar. Se tivéssemos deixado nos levar por esses mendigos de ideologia, melhorando primeiro a Sede, jamais iríamos conseguir retornar este homem para o meio rural, salvar as pequenas e médias propriedades da ambição dos grandes e o Município iria se transformar em umas poucas fazendas e seria o colapso total.

Hoje, esses egoístas cresceram economicamente, mas se esqueceram de perguntar a si próprios: De onde está vindo o dinheiro que está circulando no comércio e qual foi a causa desse crescimento, de seu enriquecimento e das valorizações dos imóveis do meio rural e urbano?

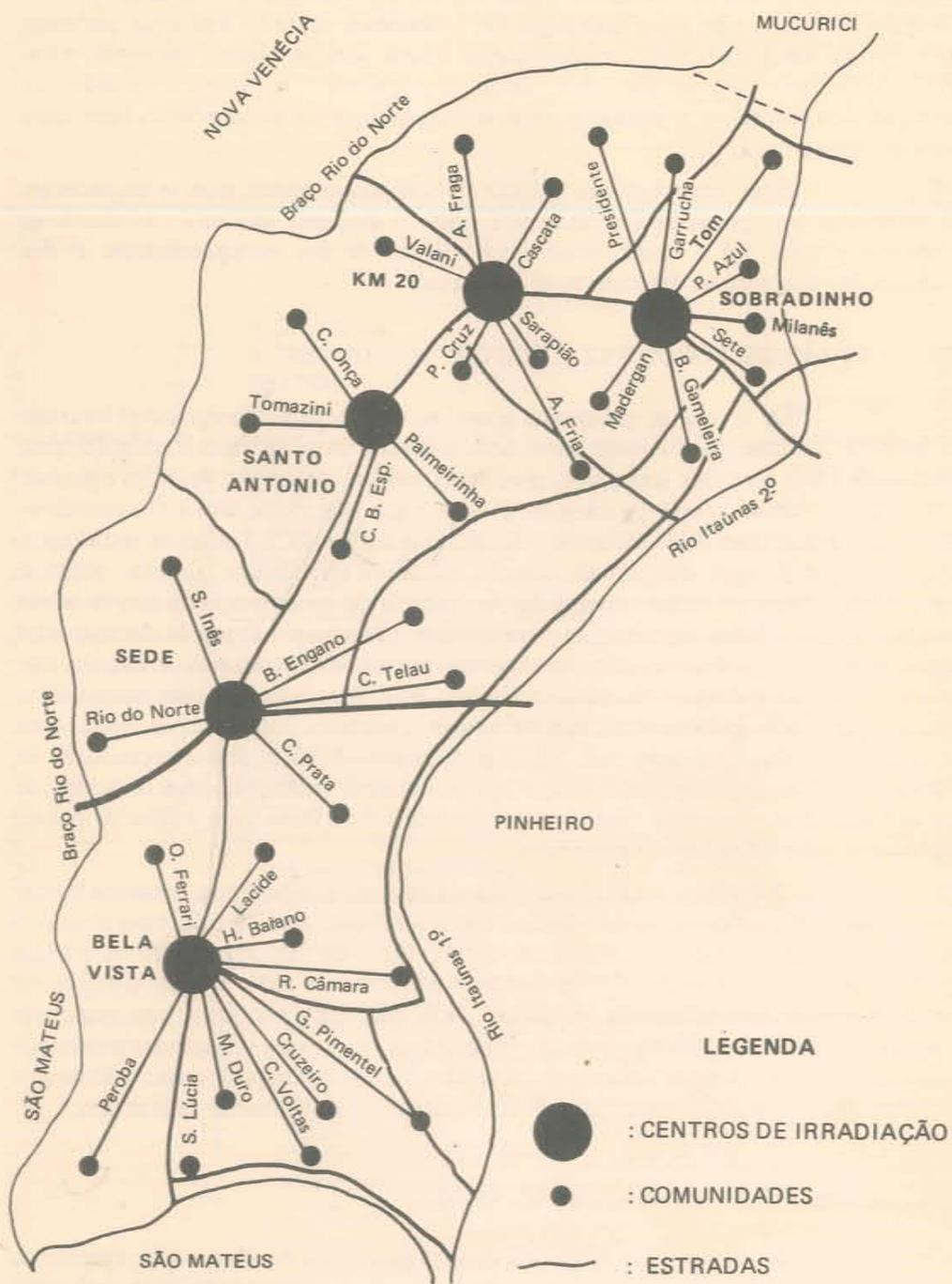
2.3. A UNIÃO DE TODOS FAZ A FORÇA

De início os problemas eram tantos que parecia impossível levar tais assistências ao homem do meio rural, sem recursos. Mas, se uma Fundação, uma Sociedade Civil sem fins lucrativos, sem transferência de verbas, veículos e pessoal conseguiam manter hospitais, colégios, etc., por que nós, Prefeitura e Comunidade, que contávamos com esses recursos, não iríamos conseguir? Todos os munícipes, sem distinção de raça, cor, credo, posição social ou econômica, facção política, procuraram direta ou indiretamente dar sua parcela de contribuição, a fim de salvar um Município à beira da extinção e construir um Município capaz de dar respostas aos seus próprios problemas, sem mendigar nas portas das Secretarias de Estado. Daí talvez, o mérito e o valor de nosso trabalho, pois, para nós, as coisas simples têm muito significado, porque nasceram de nossas iniciativas. Asseguramos ainda, com este trabalho, dias melhores para nós e para os nossos filhos, sem a necessidade de buscarmos ilusoriamente novos dias e novos lares em outras paragens deste grande rincão brasileiro. Costumo dizer que este trabalho fora feito igual a filho de pobre: no escuro, com dificuldade e com raiva.

A Prefeitura e as comunidades somaram as iniciativas, recursos humanos e financeiros no universo econômico, social e cultural, canalizando para o homem e as comunidades, toda assistência necessária. Nada de importante vamos realizar enquanto a União, Estados e Municípios mantiverem a idéia de trabalharem em áreas paralelas, separadamente, divididas, cada qual tentando fazer sua manchete isolada, gastando um rio de dinheiro, dificultando tudo para o homem e a comunidade, a fim de mais tarde cobrarem dividendos eleitorais, enquanto que o homem e a comunidade não estão sendo atingidos naquilo de que realmente necessitam.

2.4. A ADMINISTRAÇÃO COMUNITÁRIA

Primeiramente fizemos a divisão geográfica do Município; criamos as comunidades de base e os centros de irradiação, onde as comunidades mais próximas convergem para o seu respectivo centro, constituindo assim as regiões administrativas, conforme se vê no mapa constante deste trabalho.



A seguir, fizemos um levantamento "in loco" da realidade econômica, social e cultural de cada comunidade e dos respectivos Centros de Irradiação. Foram conhecidos os pontos negativos e positivos em todas as áreas, as necessidades do homem e da comunidade. Fizemos com que as iniciativas para suprir essas necessidades nascessem da própria comunidade, a fim de terem sentido e valor.

Em terceiro lugar, reunimos os elementos necessários, advindos das comunidades de base e centros de irradiação, elaboramos um plano de trabalho dentro da realidade, para ser executado em quatro anos, dando prioridade aos problemas de primeira necessidade e ao meio rural, cujo plano veio atender e atingir o homem e a comunidade naquilo de que eles realmente necessitavam e não naquilo de que o Prefeito julgava necessitar.

Em quarto lugar, fizemos a aplicação dos recursos existentes de acordo com este Plano de Trabalho, que nada mais é que a iniciativa das comunidades, que estudaram ao seu nível e a nível de Centros de Irradiação, os costumes, o clima, o solo, as frequências de chuvas, as culturas que se adaptam a região, as viabilidades econômicas, riquezas existentes e os meios de explorá-las, bem como toda infraestrutura necessária ao desenvolvimento econômico, social e cultural. O conhecimento acima muito veio contribuir para as diversificações.

Estudaram ainda a oscilação econômica e a circulação de dinheiro no Município, as causas do empobrecimento do homem e da comunidade, do comércio, do Município, das Agro-Indústrias, das propriedades e do mercado de trabalho, para evitar épocas de procura e oferta de mão-de-obra. Esta oscilação é ruim para o homem e para a comunidade bem como para o Município, Estado e União. Para esse fim, foram feitas diversificações alternadas a fim de evitar a coincidência de safras e equilibrar a circulação de dinheiro durante todos os meses do ano.

A falta deste plano de trabalho tem constituído a maior causa do empobrecimento dos Municípios e da má aplicação do dinheiro público, isto porque, se o Prefeito não conhece a realidade de seu Município, ele não terá condições de fazer um plano de trabalho que venha atingir a todos em todo seu universo. Ele atenderá apenas uma minoria de privilegiados e acabará marginalizando os demais.

3. FORMAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO TRABALHO COMUNITÁRIO

3.1. FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES DE BASE

Para cada raio de 3 km, foi construída uma escola e cada escola constitui uma comunidade. Para cada 10 a 12 famílias foi eleito um líder, pelas próprias famílias que a compõem, considerando que são elas que melhor conhecem quem realmente poderia representá-las e não a escolha ser feita pelo Prefeito, que por certo daria prioridade a seus cabos eleitorais.

Na terceira semana de cada bimestre, cada comunidade faz uma reunião com todas as famílias, cuja reunião é convocada e secretariada pelo professor (a) local e coordenada pelo Líder.

3.2. FUNCIONAMENTO

A escola representa a célula mater da comunidade. Ela não é um mero prédio onde o aluno aprende a ler e escrever; ela representa o veículo encarregado de promover o homem e a comunidade em todo seu universo econômico, social e cultural. Representa ainda o ponto de apoio das atividades dos demais órgãos e entidades; é o centro de irradiação encarregado de irradiar a luz que deverá iluminar os egoístas que se preocupam apenas com os seus interesses e permanecem alheios à realidade que os cerca, conscientizando a participarem das iniciativas e decisões.

O professor de cada comunidade recebe uma ficha própria contendo um quadro demonstrativo e os problemas são debatidos em assembléia geral e anotados por categoria, a fim de facilitar os trabalhos de triagem, tais como: Educação, Saúde, problemas sociais, econômicos, estradas, terreiros e outros. Feito isto, dá-se para entender que já temos em mãos uma radiografia da Comunidade. Esta, estuda os problemas que poderão ser resolvidos pela própria comunidade, pela Prefeitura e Comunidade ou somente pela Prefeitura.

3.3. CENTROS DE IRRADIAÇÃO

Na última semana de cada bimestre, todos os líderes das comunidades que compõem o seu respectivo Centro, reúnem-se em mesa redonda com os vereadores daquele centro, com a presença do Prefeito, Assessores das áreas de Saúde, Educação, Assistência Social, Diretor de Obras, Gerentes de Bancos, Técnicos da Emater-ES, Diretor Clínico do Hospital, Chefe da Unidade Sanitária, Delegado de Polícia, Juiz de Direito, Promotor Público, Líderes Religiosos e o Diretor da Escola de 1º e 2º Graus do respectivo Centro de Irradiação. Nessa reunião são debatidos os problemas a nível de Comunidade e em conjunto, com base nesses elementos das comunidades, é elaborado um programa de trabalho para cada Centro a nível dos mesmos, para que venha atender a todas as comunidades que para ele convergem. Assim, teremos também uma radiografia do Centro de Irradiação.

3.4. OBJETIVOS DOS CENTROS DE IRRADIAÇÃO

O objetivo do Centro de Irradiação é fazer com que as famílias que o compõe possam viver em sociedade, com toda assistência necessária e que dê condições de fixação do homem no meio rural e viver como gente. Facilitar o acompanhamento do desenvolvimento dos campos de demonstração das diversificações agrícolas localizados em cada centro, os resultados obtidos e conseqüentemente adotarem em suas propriedades as culturas por que mais os interessaram. Este trabalho transforma o Município em uma verdadeira comunidade, onde reina harmonia, preocupação constante pelo próximo e uma vontade firme de ser útil.

3.5 A GINCANA

Todos os anos, de 26 de abril a 03 de maio, realiza-se uma "Gincana" entre os Centros de Irradiação, para fazer uma avaliação do percentual de desenvolvimento em todas as áreas. Há competições esportivas, recreativas, culturais, econômicas e agro-pecuárias. No início do ano, os líderes e diretores de colégios, recebem uma relação das atividades a serem desenvolvidas. Para cada atividade apresentada correspondem 05 (cinco) pontos; para cada 2º lugar alcançado são atribuídos 10 (dez) pontos e para cada 1º lugar, 15 (quinze) pontos. O Centro de Irradiação que obtiver o maior número de pontos será o campeão do ano, levando uma taça denominada "TAÇA COMUNITÁRIA". O Centro que conseguir conquistar a citada taça por três vezes, ficará com ela definitivamente.

Nesta semana, também são exibidos filmes dos melhores agricultores do ano; entrega de títulos de trabalhador modelo a todos os meeiros, empregados e autônomos que se tornaram proprietários de bens imóveis durante o ano, cujos títulos são entregues pelos patrões em praça pública. Em todas as atividades há uma certa malícia de conscientização. Por exemplo, perguntamos ao meeiro: — O que você era antes?

— Empregado

— E depois?

— Meeiro

— E agora?

— Proprietário.

— O que você fez para se tornar proprietário?

— Trabalhei e economizei.

— Por que você conseguiu e seus colegas, não? Deve haver um defeito no meeiro ou no patrão, não acha?

Na oportunidade são também entregues títulos a todos os proprietários que melhor se destacaram durante o ano em cuidados técnicos e em produtividade e também aos líderes.

3.6. O CONSELHO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO

O Conselho Municipal de Desenvolvimento é uma sociedade civil, sem finalidade lucrativa, composto pelos líderes, prefeito, vice-prefeito, vereadores, padres, pastores, presidentes dos sindicatos de classe, representantes dos órgãos técnicos e de crédito, entidades, diretores das escolas de 1º e 2º Graus, diretor clínico do Hospital, chefe da Unidade Sanitária, delegado de polícia, juiz de direito, promotor público, tendo as seguintes comissões: Economia, Saúde, Educação, Assistência Social, Transporte, Comunicação e Segurança.

3.7. FUNCIONAMENTO DO CONSELHO

O Conselho realiza duas reuniões mensais, sendo uma na primeira

segunda-feira de cada mês, às 8,30 h com a participação de todos os líderes do meio rural e outra na segunda segunda-feira de cada mês, às 19 h, com os líderes do meio urbano, visto os problemas serem diferentes.

3.8. OBJETIVOS DO CONSELHO

O Conselho tem por objetivo congregar esforços no sentido de acelerar o desenvolvimento sócio-econômico e cultural do Município, estudando sua realidade, selecionando seus problemas, elaborando, executando e avaliando programas desenvolvimentistas.

A reunião do Conselho constitui uma Assembléia Geral, sendo o órgão máximo das decisões e a ele compete:

1º – Reunir as decisões tomadas nos Centros de Irradiação e elaborar um plano de trabalho que venha atender a todos a nível de Município, daí, vamos ter também uma radiografia do Município;

2º – Enviar ao Prefeito e à Câmara de Vereadores o plano, a fim de servir de subsídio para elaboração do Orçamento e Programas de Aplicação de Fundos Federais;

3º – Interceder junto aos órgãos e entidades municipais, estaduais e federais, com ação no Município, no sentido de trabalharem de acordo com as decisões tomadas pelo Conselho e não como vem sendo feito;

4º – Apontar os pontos negativos do Prefeito, Assessores, Diretor Clínico e Executivo do Hospital, Chefe da Unidade Sanitária, dos Órgãos Técnicos e de Crédito e Entidades existentes no Município, sugerindo soluções.

3.9. CONSCIENTIZAÇÃO

Nas reuniões mensais do Conselho, serão proferidas palestras com órgãos de crédito e técnico, cooperativismo, órgãos e empresas vinculadas às Secretarias de Estado, Sindicato, Federações e Igrejas, Especialistas das Leis em vigor, etc. São feitas visitas às lavouras e pastagens tecnificadas, apresentação de filmes e slides, aulas sobre os órgãos previdenciários, estatuto da terra, fatores de produção, diversificações alternadas, formação de grupos e a infra-estrutura necessária a nível de Município que venha atender à realidade.

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

4.1. EDUCAÇÃO

A curto prazo, o problema de Educação foi equacionado, pelo menos no que diz respeito à estrutura física.

Para cada Centro de Irradiação criamos escolas de 1º grau até a 8ª série, com ensino gratuito, onde os alunos das comunidades pertencentes a cada

centro, que já concluíram a 4ª série do 1º grau, já estão se deslocando com facilidade para iniciarem a 5ª série. Assim que atingirem a 8ª série serão criados os cursos de segundo grau.

Os professores são transportados em viaturas da municipalidade, três vezes ao dia. Estas fazem entrega e recolhem-nos em seus respectivos Centros de Irradiação, levando ao estudante do meio rural a mesma qualidade de ensino ministrado na Sede.

Este processo de transportar professores veio trazer uma série de resultados, uma vez que juntamente com eles vão os médicos e dentistas que terão que permanecer no local de trabalho o horário integral, sem prejuízo para os alunos e para a Comunidade. Esta providência evita que somente os filhos dos mais privilegiados tenham acesso ao ensino e ainda que as famílias de baixa renda tenham que mudar para os centros urbanos para que os filhos estudem.

O nosso programa para os próximos anos é melhorar a qualidade do ensino com a melhoria de recursos humanos: dotar os prédios com assistência ambulatorial, odontológica, médica, audio-visual, biblioteca, quadra de esportes, salões sociais e lazer, dando uma melhor assistência pedagógica ao educando.

Planejamos também adquirir ônibus para funcionarem nos Centros de Irradiação, com a finalidade de transportar os alunos das comunidades vizinhas e que dependam do estudo existente nos respectivos Centros onde há melhores condições.

Com este processo a Prefeitura irá gastar menos numerário do que o dispendido para a construção de escolas isoladas e sua manutenção e poderemos oferecer um melhor nível de ensino.

Com a implantação deste plano de trabalho que irá concentrar os estudantes para uma melhor qualidade de ensino, os prédios já existentes no meio rural não serão desativados, ao contrário, iremos utilizá-los para o desenvolvimento de atividades comunitárias como: cursos profissionalizantes, palestras com órgãos de crédito e técnico, cultos, lazer, reuniões de casais, noivos, jovens, adolescentes e outras palestras de interesse do povo em geral.

Pensamos ainda em entrar em entendimentos com a Secretariade Estado da Educação, no sentido de ser adotado no Município um currículo escolar que não viesse coincidir com a época das safras, o que evitaria a evasão de alunos neste período. Deveria ser reformulado o programa de matérias para os alunos da zona rural, com abrangência de assuntos relacionados com o mercado de trabalho existente, o estudo das riquezas que estão sendo exploradas. Este processo deveria atingir o curso desde o pré-primário até o 2º grau.

Atualmente, em cada Centro de Irradiação estão sendo formados grupos de jovens rurais que periodicamente revezam visitas a um Centro e outro, a fim de trocarem conhecimentos, discutirem a prática de atividades culturais, desportivas, econômicas, recreativas e religiosas. Este entrosamento permite ao jovem do meio rural um desenvolvimento que atinge todo seu universo, eliminando seus complexos e a diferença de tratamento entre o jovem do meio rural e o do meio urbano.

Para resolver o problema educacional é necessário que cada Município levante sua realidade educacional em todos os níveis e estude os meios de solucionar tais necessidades. Somente assim poderá elaborar seu plano de aplicação de acordo com seus recursos humanos e financeiros, dando prioridade sobretudo aos problemas e necessidades que requeiram urgência e as deficiências existentes no quadro geral que não podem ser supridas pelo Estado e União.

Feito isso, a Prefeitura encaminhará à Secretaria de Estado da Educação um relatório da sua realidade, o plano de aplicação baseado nos recursos existentes e o montante das dotações destinadas a este setor. Com este resultado, a Secretaria faria uma triagem, separando os problemas que o Município teria condições de resolver e faria o seu programa com base nos elementos fornecidos pela Prefeitura, de acordo com os recursos disponíveis do Estado. Os problemas que não puderem ser solucionados pelo Município e Estado, seriam levados ao Governo Federal para equacioná-los. O certo é que nem o Estado, nem a União e nem o Município têm condições de solucionar todos os problemas isoladamente.

Hoje se pensa em transferir responsabilidades para o Estado ou Município em determinada área, mas isso representa um fracasso total. Temos como exemplo o professorado que hoje se encontra marginalizado e reclamando por melhores salários, por amparos previdenciários. Perguntamos: O Município tem condições de arcar com essas despesas? Não. O Estado tem condições? Não. A União tem condições? Também não. Mas, Municípios, Estados e União, juntos, numa soma de recursos, equacionariam o problema tranquilamente, sem sacrificar este ou aquele. Volto a dizer que ninguém caminha sozinho e a comunidade só consegue se desenvolver integralmente, quando todos lutam pelo progresso e bem estar de todos, com a soma de ideologias, esforços, iniciativas, recursos humanos e financeiros.

4.2. SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Conta o Município de Boa Esperança, hoje, com um hospital comunitário na Sede, com capacidade para 32 leitos, laboratório, raio X e outras dependências, onde trabalham 03 médicos em convênio com o INPS, FUNRURAL e PREFEITURA MUNICIPAL.

Em cada Centro de Irradiação construímos um Posto de Saúde e a medicina preventiva está caminhando ao encontro do homem e não esperando que esse homem venha buscá-la na Cidade, pois nesse caso passaria de preventiva a curativa, custando muitas vezes vidas e mais dinheiro.

Em cada Posto de Saúde trabalha uma auxiliar da assistente social com experiências teóricas e práticas de enfermagem, prestando os primeiros socorros, vacinação, controle de pressão, promovendo a coleta de fezes e urina e enviando para o laboratório da Sede, através das viaturas que transportam os professores, médicos e dentistas. Assim, quando o médico retornar àquele posto, levará consigo o resultado dos exames e fará a prescrição. Nos referidos Postos funciona também a distribuição de alimentos para nutrízes, gestantes e crianças de até seis (6) anos de idade, orientação às gestantes, distribuição de filtros para água, campanha para utilização de fossas, higiene, habitação, planejamento familiar, economias do lar, hortas caseiras e comunitárias.

Essas auxiliares são subordinadas à Coordenadora do Serviço de Assistência Social, que desenvolve, além dos serviços já mencionados, registro de nascimento, creches, cursos profissionalizantes de datilografia, corte e costura, avicultura, suinocultura, tratorista, viveirista, inseminação artificial, consultas para indigentes, internamentos, fornecimento de medicamentos, deslocamento de doentes graves para outros centros de maior recurso e controle desses doentes, através de telefone, para informar às famílias o estado de saúde dos mesmos; cursos para implantação de indústrias caseiras.

Em cada Centro de Irradiação há um fichário onde todas as famílias são cadastradas por comunidade e Centro de Irradiação, contendo informações sobre: economia, habitação, assistência previdenciária, saúde, educação e outros elementos indispensáveis ao conhecimento das condições das mesmas. Há também a análise do solo da propriedade onde trabalham.

4.3. INDÚSTRIAS CASEIRAS

O Serviço de Assistência Social está organizando e possivelmente entrará em funcionamento em 1981, uma Cooperativa Comunitária de Indústrias Caseiras. Esta Cooperativa terá como finalidade concentrar e comercializar a produção caseira; promover cursos sobre as diversas atividades e orientar os interessados na fabricação de produtos de primeira qualidade; providenciar a matéria-prima necessária, confeccionar um rótulo para cada produto com os dizeres: "COOPERATIVA COMUNITÁRIA DE INDÚSTRIAS CASEIRAS DE BOA ESPERANÇA - ES".

Inicialmente deverão ser fabricados os seguintes produtos: licores diversos, sabão caseiro, queijo, vassouras, cestos, balaços, peneiras, coco polido com cachaça, toucinho e linguiça defumados, carne de sol, doces em calda e em tabletes, sucos, batidas, vinhos e artesanatos de um modo em geral.

Pensamos nesta Cooperativa para ajudar a muitos que desejam vender seus produtos e não têm como chegar aos consumidores. Ora, toda mulher gosta de ter seu dinheirinho sem depender de estar pedindo ao pai ou marido; toda pessoa idosa gosta de ser útil. Eles apenas não desenvolvem o que sabem fazer porque se sentem envergonhados de saírem vendendo seus produtos, com medo de serem mal atendidos. Muitas vezes são também explorados pelos gananciosos e assim deixam de aproveitar várias riquezas para se transformarem em pessoas inúteis e em proble-

mas sociais. Com esta organização, não há dúvidas de que muitas de nossas riquezas serão exploradas.

Nosso trabalho comunitário não visa apenas a atingir o homem com medidas paliativas e sim, combater as causas dos inúmeros problemas sociais e despertando-o para seus verdadeiros valores, mostrando que ele não é um inválido e que é capaz de agir e tomar decisões, não esperando que tudo parta do Governo e da Comunidade.

Aí é que está o insucesso do MOBRAL. Ele tenta ensinar a fazer algo mas não mostra o caminho para que essas pessoas possam se organizar e fazer daquilo que aprenderam uma fonte de renda. Procura ainda corrigir os efeitos e não combate as causas do analfabetismo.

4.4. O MUTIRÃO

Ninguém caminha sozinho e o homem precisa deixar de lado seu egoísmo e se preocupar um pouco mais com a realidade que o cerca. É isto que acontece em nosso trabalho comunitário. Muitos de nossos problemas estão sendo resolvidos pelo trabalho "mutirão", sobretudo o habitacional, onde a Prefeitura colabora com o terreno, água, energia, esgotos, escolas e alguns mestres de obra e as famílias beneficiadas com a ajuda da comunidade, realizam a mão-de-obra. O material de construção, muitas vezes, é obtido de prédios de demolição, sobras de construções e quando se trata de um maior número de casas este material é financiado pela COHAB-ES, cujo pagamento é feito a longo prazo, e a altura de cada um. Sinceramente, não vemos nenhum problema que não possa ser resolvido, se houver uma união de forças.

Problemas o Brasil tem demais e não adianta ficarmos de braços cruzados, dizendo um para o outro que o Brasil está mal, porque quem está mal somos nós, presos dentro de nosso egoísmo. Muitos dizem que não vão mais à Igreja porque virou bagunça, mas quem está bagunçado somos nós, porque somos a Igreja e a Pátria. Não é por causa de alguns maus políticos, maus padres e maus pastores que vamos condenar a Pátria e a Igreja.

4.5. ECONOMIA

O homem e a comunidade que outrora se sentiam enfraquecidos, sem iniciativas e já acomodados, levantam-se e descobrem que eles não são tão inúteis quanto pensavam e que são capazes de iniciativas e decisões. Faltava apenas alguém que os iluminassem para descobrirem seus verdadeiros valores, faltavam os técnicos para escalarem o time e o juiz para dirigir o jogo. A comunidade, através do trabalho comunitário, assumiu o risco das iniciativas, dando sua parcela de contribuição. O risco dos erros e acertos foram divididos por todos, formando uma corrente em torno do homem e da comunidade.

Todos hoje se preocupam com um mercado de trabalho condigno para o trabalhador e com as obrigações sociais devidas aos mesmos, com a exploração das riquezas existentes e os meios de explorá-las, com uma diversificação agrícola alternada para não coincidir épocas de safras e corrigir a oscilação econômica, a fim de evitar épocas de vacas gordas e épocas de vacas magras, assegurando ao trabalhador um mercado de trabalho estável e conseqüentemente equilibrar as economias e a circulação de dinheiro do homem, da comunidade, do Município, do Estado e da Nação.

A agropecuária está se desenvolvendo dentro de uma exploração moderna. Além da mecanização e tecnificação, há um aproveitamento de 100 % dos adubos vegetais e orgânicos existentes no Município, sendo a complementação feita através de adubo químico, o que será substituído pelo fertilizante extraído do vinhote na fabricação do álcool e esperamos que a partir de 1983, 100% do nosso fertilizante seja produzido no próprio Município. Nossa preocupação é produzir o máximo com um mínimo de área ocupada e de esforço físico e financeiro.

Para incentivar a economia, construímos serviços de abastecimento d'água na Sede e Centros de Irradiação; 320 km de estradas de porte pesado com 360 bueiros e 14 pontes; 8.000.000 de mudas de café foram distribuídas; construímos 520 terreiros e inúmeros secadores de café foram montados. Hoje a iniciativa privada e comunitária conta com 106 tratores agrícolas com todos os implementos, prestando serviços aos que ainda não os possuem, para evitar a ociosidade das máquinas. Foram construídos: Feira do Produtor e Armazém da CASES. No meio rural foram construídos 65 km de redes de eletrificação.

Contamos hoje com 10 milhões de pés de café conilon, produzindo em média 40 sacas por hectare, estando a maioria das lavouras em fase de formação; 33.000 cabeças de gado bovino com uma produção de 26.000 litros de leite diários; contamos com 07 farinheiras produzindo em média 1.000 sacos de farinha de mandioca por dia. A produção de milho e feijão fica em torno de 15.000 a 20.000 sacos, respectivamente. Finalmente, despontam as culturas de cana de açúcar que alimentarão as destilarias de álcool, prevendo-se uma produção para 1983 de 100.000 litros/dia. Pratica-se também a cultura da pimenta do reino, avicultura, suinocultura, cerâmicas e outras culturas de curta rotatividade para intercalar os períodos de ociosidade.

Com este trabalho, o Município que ocupava o último lugar em arrecadação entre os demais Municípios do Estado, hoje, com apenas 344 km² de área, vem superando 22 Municípios dos 55 existentes e a maioria com área até seis vezes maior que o de Boa Esperança. Com o funcionamento do nosso plano de ação, estamos prevendo para 1983 a maior renda per capita dos Municípios capixabas de vida agrícola.

5. COMO SURGEM OS PROBLEMAS

5.1. CAUSAS DOS PROBLEMAS SOCIAIS

Analizamos as causas dos problemas sociais que são: o econômico, o enfraquecimento familiar, o planejamento familiar e o gerenciamento das economias do lar e procuramos atacá-las.

01 — O ECONÔMICO — Riqueza gera riqueza e miséria gera miséria. Graças a Deus, o Brasil hoje tem muitos problemas e miseráveis de nós se não os tivessem, pois era sinal de que o País havia parado. Mas, cada investimento que se faz no mundo empresarial, gera empregos, riquezas e muitos problemas sociais.

O mundo, desde sua existência, até o ano de 1960 depois de Cristo, evoluiu menos do que nos últimos vinte anos, isto quer dizer que hoje, um minuto é muito tempo e muito dinheiro e o que vem prejudicando é a morosidade e a burocracia para se estudar a viabilidade econômica de um projeto. A falta de planejamento, diretrizes, zoneamentos, o apoio financeiro também têm prejudicado demasiadamente a exploração de muitas riquezas existentes no País. Isto também são causas de nossa baixa produtividade, escassez de produção, baixa renda per capita, fraco mercado de trabalho e péssima distribuição das riquezas.

02 — O ENFRAQUECIMENTO FAMILIAR — Famílias fortes, sociedade forte, famílias fracas, sociedade fraca. O homem e a mulher, atualmente, transformaram-se em manequins da exploração comercial e industrial. Assim como acontece com o Natal, criaram o dia dos pais, das mães, dos noivos e dos namorados. A liberdade sexual sem nenhum controle; daí, mães solteiras, lares desfeitos e um exército de menores abandonados, trombadinhas em condições sub humanas. Cumpre a nós, Comunidades, Igrejas, Sociedades outras, pais responsáveis, dar também a nossa parcela de contribuição.

03 — PLANEJAMENTO FAMILIAR — A falta de planejamento familiar, sobretudo para as famílias de baixa renda e de baixo nível educacional, onde existem uma imensidão de lares desfeitos, inúmeros órfãos de pais vivos, os quais se preocupam apenas consigo mesmos, têm contribuído muito para o crescimento de nosso problema social.

04 — O GERENCIAMENTO DA ECONOMIA FAMILIAR — O homem torna-se adulto no dia em que ele se torna responsável. Todos reivindicam direitos mas não cumprem seus deveres. Há falta de orientação para que mulheres e filhos possam direta ou indiretamente contribuir com a economia familiar, através da exploração de muitas indústrias caseiras. Falta-lhes alguém para coordenar essas atividades e tomar a iniciativa de oferecer cursos e meios para concentrar e comercializar a produção. Há necessidade de um orçamento familiar, prevendo a receita e fixando as despesas, evitando-se gastos supérfluos e estudando fórmulas para obtenção de mais receita. Existem pessoas que ganham vultosas somas e nunca têm nada ao passo que outras ganham muito menos, com despesas maiores e conseguem equilibrar suas economias e tornarem-se independentes. Isto significa falta de um orçamento familiar. "Vencer sem dificuldades é triunfar sem glórias". O que o homem necessita

é de apenas uma oportunidade e que alguém o oriente, pois mais de 70% das famílias brasileiras não tiveram oportunidades escolares e orientação necessária. Lembramos que há 30 anos, quando um homem casava, no meio rural e que a mulher não sabia lidar com as coisas do lar, ele a devolvevia para a família, pedia à mãe para ensiná-la e só depois voltava para buscá-la.

A educação escolar que hoje é um ato de aprender a ler e escrever, não educa ninguém; é preciso uma soma de esforços de pais responsáveis e professores, pois os filhos passam 20 horas no lar e 04 na escola, logo, a maior responsabilidade cabe aos pais e se esses não têm nada para dar, tudo vai de água abaixo. Contudo, nunca é muito tarde para aprender, desde que se tenha força de vontade.

5.2. CAUSAS DO EMPOBRECIMENTO DOS MUNICÍPIOS

Além da falta de planejamento por parte da maioria dos Prefeitos, no sentido de promoverem a recuperação econômica do Município, temos ainda os pecaminosos critérios para distribuição do ICM e outros recursos fiscais. Os empresários, como não poderia deixar de ser, ao se instalarem em determinado Estado ou Município, estudam a viabilidade econômica do projeto em todo seu universo. Com esta medida, há Estados privilegiados pela divisão geográfica do País e Municípios privilegiados pela divisão geográfica dos Estados, havendo uma concentração dos recursos fiscais nas mãos de poucos Estados e poucos Municípios produtores, marginalizando os Estados e Municípios consumidores. Muito se tem falado em relação aos Estados produtores e consumidores, esquecendo-se de que o mesmo critério vem marginalizando os Municípios consumidores em relação aos Municípios produtores, onde os primeiros têm que adquirir os produtos de suas indústrias, deixando lá toda sua economia, que além de prejudicar a circulação do dinheiro no Município, é computado ao Município produtor por ocasião das declarações de operações tributáveis.

6. EM BUSCA DE SOLUÇÕES

6.1. A EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA MODERNA

Com a exploração agrícola moderna introduzida no Município, surgiram muitos reflexos que devem ser considerados: um alqueire de terra de 48.400 m², vem produzindo u'a média de 100 salários mínimos. Com isto, muitos meeiros e trabalhadores autônomos estão com recursos próprios para se tornarem proprietários de um alqueire de terra, dado seu alto valor. Em consequência dos critérios adotados pelo INCRA, quanto à fração mínima de parcelamento que só permite o desmembramento de no mínimo 15 ha, esses trabalhadores estão sendo impedidos de adquirirem suas propriedades. Eles depositam o dinheiro na Caixa Econômica, esperam a safra do ano seguinte, mas com a desvalorização da moeda que vai muito além dos juros pagos pela Caixa e com a alta constante das terras, nunca terão eles condições de compra. Assim, desanimados, deixam o meio rural e partem para o meio urbano em busca de sua independência. Esses homens, que só

sabem trabalhar a Terra, vão se dar mal na cidade, deixando de serem produtivos para tomarem-se problemas sociais.

6.2. PLANO DE TRABALHO

Nós já entramos com requerimento ao INCRA pedindo para reduzir a fração mínima de parcelamento no Município de 15 ha para 05 ha, isto porque iríamos adquirir grandes áreas ociosas e fazer uma divisão proporcional às condições de cada um. A área seria preparada através de um projeto "mutirão" com toda infra-estrutura necessária. Desse modo, o meeiro continuaria meeiro até a propriedade dele começar a produzir, sendo que as culturas de subsistência ele plantaria em sua própria terra, uma vez que as terras onde trabalha não há mais espaço para culturas permanentes e muito menos para as temporárias.

Se fizermos uma análise geral vamos chegar à conclusão de que as pequenas propriedades são as mais produtivas e com isto iríamos combater os conflitos existentes no meio rural sobre a posse e uso da terra pois, todo ser humano gosta de sua independência e de morar no que é seu, para tranquilizar sua família. Este processo favorece também os grandes proprietários que poderão contar com mão de obra certa nos meses em que não há colheita.

6.3. A TERRA

A terra não está sendo utilizada como um fator de produção e isto é a causa de nossa inflação. O Brasil possui 2/7 das áreas agricultáveis do mundo e vergonhosamente está importando gêneros alimentícios, quando tem todas as condições para se tornar o "celeiro mundial", suprimindo suas necessidades e exportando o excesso, equilibrando assim o nosso balanço de pagamento. O certo é que as nossas terras não estão sendo utilizadas como fator de produção e sim, como investimento para que os poderosos, as grandes empresas e as multinacionais venham sonegar o Imposto de Rendas, descarregando com despesas fantasmas, mantendo nelas apenas um aproveitamento com rendimentos rudimentares, representando muito pouco em proporção às áreas ocupadas e que poderiam render muito mais.

Há necessidade urgente de um certo disciplinamento quanto ao uso e posse da terra, mas não nos moldes apregoados por muitos, que só viria trazer conflitos e a produtividade seria a mesma.

O Governo já impôs pesados tributos para as terras ociosas, mas isto não vem resolver o problema, porque as terras continuam improdutivas. O que deveria ser feito para corrigir as distorções, era impor um percentual de no mínimo 10% da área de cada propriedade ser destinada às culturas de subsistência.

Um alqueire de terra com uma exploração agrícola moderna não produziria menos de 50 salários mínimos por ano. O INCRA, com base em declarações que não condizem com a realidade, estipulou a fração mínima de parcelamento de imóveis rurais e esta fração mínima tem sido a maior causa do

êxodo rural, do desaparecimento das médias e pequenas propriedades, impedindo o surgimento das mesmas, através de aquisição livre e espontânea de áreas abandonadas por um grupo de meeiros e autônomos. Não é necessário extinguir o direito de propriedade, pois se isso acontecer, aí sim é que aumentarão os conflitos. O que é necessário fazer é um disciplinamento, forçando a terra a produzir aquilo de que ela é capaz e cada proprietário adquirir somente a quantia que ele tem condições de fazer produzir e não da maneira como ela vem sendo utilizada.

Terra é para quem realmente quer trabalhar e tem condições de fazê-la gerar riquezas e não para se investir, que atualmente é um dos melhores negócios.

6.4. METODOLOGIA APLICADA

Em nosso trabalho comunitário procuramos explorar alguns pontos de importância, utilizando um pouco de psicologia, senão vejamos:

01 - Se nós lhe apresentamos uma fotografia sua, de sua esposa e de seus filhos, a primeira cara que você procura olhar é sem dúvida a sua; isto significa um egoísmo próprio de todo ser humano. O homem gosta de aparecer e aquele que disser o contrário estará mentindo. Então vamos explorar este ponto: todo lavrador que se dedicar em cuidados técnicos e conseguir um bom resultado em produtividade, reunimo-nos em sua lavoura com os participantes daquela comunidade e pedimos para ele explicar o que fez para conseguir tal resultado; filmamos este acontecimento e depois passamos o filme para a comunidade a que ele pertence e nas reuniões mensais do Conselho. Este homem vai se sentir valorizado e vai assumir um compromisso perante a opinião pública de fazer cada vez melhor. Com isto, os outros que também querem se projetar com seu trabalho, vão fazer o mesmo e a corrente vai se formando e o Município vai se recuperando.

02 - O brasileiro é um imitador por excelência. O japonês plantou melão e ganhou um rio de dinheiro com sua venda; no ano seguinte ele plantou maracujá. Perguntaram-lhe: — Por que você plantou maracujá, se você ganhou tanto com melão? Ele respondeu: — Os brasileiros viram que eu ganhei dinheiro e todos vão plantar e vai haver uma super produção e não vai haver preço. Isto acontece a toda hora. Se alguém descobrir que uma pessoa está ganhando dinheiro com táxi, farmácia, bar ou um tipo de indústria, todos procuram explorar também tais atividades; há uma intoxicação e ninguém ganha nada. Conclusão: se o brasileiro é um imitador, é muito fácil diversificar as atividades econômicas de um Município, é só conscientizar umas poucas pessoas em diferentes atividades que daí a pouco todos estão imitando.

03 - Nós concedemos títulos de trabalhador modelo a todos os que se tornaram proprietários de bens imóveis, aos líderes que melhor se destacaram em suas comunidades, aos proprietários que se destacaram em cuidados técnicos e em rendimento, aos que cumpriram com as obrigações sociais. Este diploma é entregue em praça pública na presença de autoridades. Os que recebem se sentem valorizados e felizes e os outros ficam sem graça de verem seus colegas crescerem e eles não.

Então, começam a dar duro em suas lavouras para no ano seguinte também receberem seus títulos. Assim, vamos promovendo o homem e aumentando a produtividade do Município.

04 - Em todas as propriedades bem tratadas e com bom índice de produtividade, colocamos uma placa com os dizeres: "Este proprietário é caprichoso, siga seu exemplo."

Não é preciso falar que o vizinho não é caprichoso, ele próprio vai sentir que em sua propriedade não foi colocado nada e logo vai dar um jeito de sair daquela fria, pois aí passa gente a toda hora e vai criticá-lo.

05 - A pessoa tem uma propriedade e está lutando com dificuldade; não tem condições de adquirir mudas selecionadas. Neste caso, a assistente social vai conversar com ela: — Olha, eu vou lhe dar mudas, mas o que você iria pagar com a aquisição das mudas, pegue um animal e busca adubo orgânico e prepare as covas adubadas e então vai notar que em pouca terra você irá produzir muito mais e vamos levar gente para visitar sua lavoura e filmá-la. Com isto, o agricultor sai feliz e vai fazer o melhor possível. Assim, estamos levantando os que já não tinham mais esperanças, corrigindo o problema social e tornando-os produtivos.

06 - A organização da cooperativa das indústrias caseiras e comunitárias é outro exemplo: as mulheres gostam de ter seu dinheirinho, mas têm vergonha de venderem seus produtos. A Cooperativa vai fazer tudo isto para elas. As outras vão ver que algumas estão ganhando e também vão partir para aprender alguma coisa. Quando abrimos os olhos, o Município passou a ter mais uma exploração econômica e as famílias estão auferindo lucros que não esperavam. Desta forma estamos eliminando os problemas e corrigindo as causas e não os efeitos com medidas paliativas, como vem acontecendo.

07 - Também os costumes são explorados, senão vejamos: nós contamos com uma população formada de capixabas, baianos, mineiros, fluminenses e sergipanos. Os costumes de cada um estão sendo explorados e muito vem contribuindo para as diversificações agrícolas, indústrias caseiras, etc. É necessário apenas orientar para aperfeiçoamento desses costumes.

08 - Perguntamos a um baiano: — Você gosta de mulher? Ele respondeu: "Éta bicho bom, né? — E de farinha? — "Virgem!" Então não adianta incutir outra coisa na cabeça dele, a não ser a exploração da mandioca. Ele gosta mais de farinha do que de mulher, logo, vamos organizar uma cooperativa de manicultores e vamos explorar essa riqueza.

09 - O orgulho de um pai é falar sobre os filhos. Vamos então bater nesta tecla: vamos forçar o pai a ceder um pedaço de terra ao filho para ele fazer suas experiências através de um grupo de jovens, com assistência técnica. O pai vai acompanhar o trabalho do filho e vai ver que ele está produzindo além da expectativa. Além de comentar com os amigos, quando ele perceber, o filho conscientizou o pai a trabalhar certo.

10 - Um belo dia um rapaz vinha chegando do trabalho com uma enxada nas costas. Ao chegar na entrada da cidade onde ele morava, tirou a enxada do cabo, colocou numa sacola e passou a rua escorando no cabo e ninguém percebeu. Isto é sinal de que ele tinha vergonha da enxada. Logo depois, passou um outro rapaz conduzindo um trator; as garotas que iam para o colégio acenavam com a mão para ele e o rapaz sentia-se importante. Então, se o problema é este, vamos adquirir máquinas e implementos para os nossos filhos e isto vem melhorar a produtividade com um custo mais barato, já que a mão-de-obra está muito cara e o que o homem produz com os braços é menos do que ele necessita para viver.

11 - Um certo dia chegou um professor com curso de mestrado em diversos países e em diversas áreas e lhe foi perguntado: — Quanto você ganha? Ele responde: — Por 40 horas de aula semanais ganho em média 10 salários mínimos. Ficamos quietos e o levamos à casa de um trabalhador rural que possui 7,5 ha e perguntamos: Quanto você faturou este ano? Ele respondeu: — Em média 120 salários mínimos em 05 meses e o restante do ano, ou seja, os 07 meses, cuidei do plantio do milho, feijão, horta, criação de galinhas e porcos e ainda fiz alguns serviços particulares para os vizinhos. Agora vejamos: o professor em 12 meses percebeu 120 salários mínimos e o lavrador, sem os cursos de mestrado fez mais do que ele. É lógico de que este agricultor praticava uma agricultura moderna.

12 - Certo dia, quando estávamos proferindo uma palestra, um lavrador disse: Você fala assim, mas o lavrador só fica no meio rural porque ele não sabe fazer conta. Respondemos: — Muito pelo contrário, o lavrador que sai do meio rural é o que não se preocupa em fazer contas, pois se fizesse ele iria modificar sua maneira de trabalhar bem como as culturas que produz e iria ver a possibilidade de produzir o máximo com menor esforço e o mínimo de dificuldade financeira e individual. Saberíamos que na cidade ele iria comprar até a água, a lenha, a verdura, galinhas e outras coisas que ele tem de graça no meio rural.

13 - Quando iniciamos o trabalho comunitário, os jovens do meio rural vinham até à Sede onde há uma cabana para divertimentos sadios. Ficavam do lado de fora olhando os jovens da Cidade que entravam, com calças na moda, cigarro entre os dedos, todos posudos e as moças de sapatos de saltos altos, pisando firme. Bebiam, dançavam a noite toda. Os jovens do meio rural ficavam do lado de fora, olhando, com olho comprido, sentindo-se humilhados. Deixavam o meio rural e vinham fazer o que os outros estavam fazendo. Hoje, acontece o contrário: o jovem do meio rural chega, vê o jovem da cidade triste e pergunta: — O que você está fazendo aqui fora? — Ah, cara, eu estou duro! O jovem rural diz: — Por isso não seja, eu pago seu ingresso, vamos. Chegando lá, ele paga bebida e cigarros para aquele que antes não o enxergava. "Um dia é da caça e o outro do caçador"

14 - Nós pleiteamos ao governo uma escola agrícola, inicialmente a nível de 1º grau e posteriormente de 2º grau. Com esta escola nós não estamos pretendendo formar técnicos para serem empregados, mas que a curto prazo cada família tenha seu técnico em casa.

7. RESULTADOS DE PALESTRAS PROFERIDAS

7.1. PERGUNTAS E RESPOSTAS ORIGINÁRIAS DE VÁRIAS PALESTRAS

Nas diversas palestras que proferimos, foram feitas as perguntas que abaixo transcrevemos com suas respectivas respostas.

01 – *Como fica a situação do vereador no trabalho comunitário?*

R: No início, alguns vereadores chegaram a renunciar ao mandato, porque não entendiam o alcance deste trabalho, mas hoje estão dando seu apoio ao mesmo. O vereador se realiza não por aquilo que ele fala, mas por aquilo que ele faz de bom para sua comunidade. Hoje o vereador está valorizadíssimo, pois além de participar das reuniões dentro de seus respectivos centros, ao lado das lideranças, ele dá testemunho de seu trabalho e na hora da elaboração do Orçamento, reúne-se com o Prefeito, e juntos, debatem as prioridades com base nos problemas e necessidades levantadas pelas comunidades e pelo conselho de desenvolvimento. “A voz do povo é a voz de Deus” e nós trabalhamos com o povo. A Câmara de Vereadores é o veículo para conduzir as reivindicações do Conselho Municipal de Desenvolvimento e ai do Prefeito se ele não atender o que é possível, pois ficará mal com a Câmara e mal também com todas as lideranças autênticas do Município. Temos receio de nosso sucessor, pois mesmo fora da Prefeitura, continuaremos dirigindo o Conselho, que nada tem a ver com política partidária e o Prefeito tem que entender que ele não é Prefeito apenas daqueles que o elegeram e sim de todo o Município. Terá que colocar em primeiro plano o bem comum e não de um pequeno grupo de privilegiados.

02 – *Quando entrar outro Prefeito este trabalho poderá paralizar?*

R: Não. Se ele não comungar com o trabalho comunitário ele não será o Prefeito, pois o nosso Prefeito vai nascer da escolha e apoio das comunidades e ai dele se não der cumprimento ao seu verdadeiro dever.

03 – *Com suas experiências, o que você achou do trabalho comunitário?*

R: É o caminho para atingir o homem em todo seu universo. Este trabalho dá ao homem e à comunidade, sem distinção de raça, cor, credo, posição econômica, facção política ou religiosa, a liberdade de todos manifestarem suas iniciativas, decisões, problemas e necessidades.

04 – *Como você encara os problemas sociais?*

R: Os problemas sociais são frutos de um problema econômico e das necessidades primárias e secundárias do homem e da comunidade que não são supridas.

05 – *Qual é o caminho para suprir essas necessidades?*

R: As iniciativas e decisões para suprirem essas necessidades terão que vir das comunidades e o apoio para equacionar essas mesmas necessidades terá que partir do governo, visto que é a comunidade que sente no seu dia a dia a dor advinda dessas necessidades que não são supridas e não como vem acontecendo, tudo partindo de cima.

06 – *Já que o brasileiro é um imitador, este trabalho comunitário desperta o homem?*

R: Sim. É o veículo para despertar o homem e a comunidade a tomarem as iniciativas e decisões, pois a eles competem a correta distribuição das riquezas, assumindo a responsabilidade do desenvolvimento econômico e a equação dos problemas sociais com a oferta de um melhor mercado de trabalho, o qual, está concentrado nas mãos dos poderosos e das multinacionais.

07 – *Há uma participação total no trabalho comunitário?*

R: Sim. Há uma participação total entre empregadores e empregados, professores, pais e alunos, jovens do meio rural e do meio urbano, para que os primeiros não se sintam inferiorizados.

08 – *Quais são as outras vantagens?*

R: Há uma economia muito grande por parte da Prefeitura. Vejamos: a motoniveladora vai para uma determinada comunidade e lá o líder dá hospedagem ao pessoal e determina todos os serviços necessários. Se ficar algum serviço sem fazer o líder é responsável perante sua comunidade e não o Prefeito. Desta forma atendemos a todos e não somente aos cabos eleitorais. O que vinha acontecendo anteriormente e o que acontece em muitos municípios é que a máquina passa a maior parte do tempo andando de um lado para outro apenas para fazer serviços isolados. Na comunidade, não. Eles começam o trabalho cedo e só deixam à noite, pois estão loucos para voltarem para suas casas.

09 – *É verdadeira a afirmativa de que o que nasce da comunidade tem mais sentido e valor?*

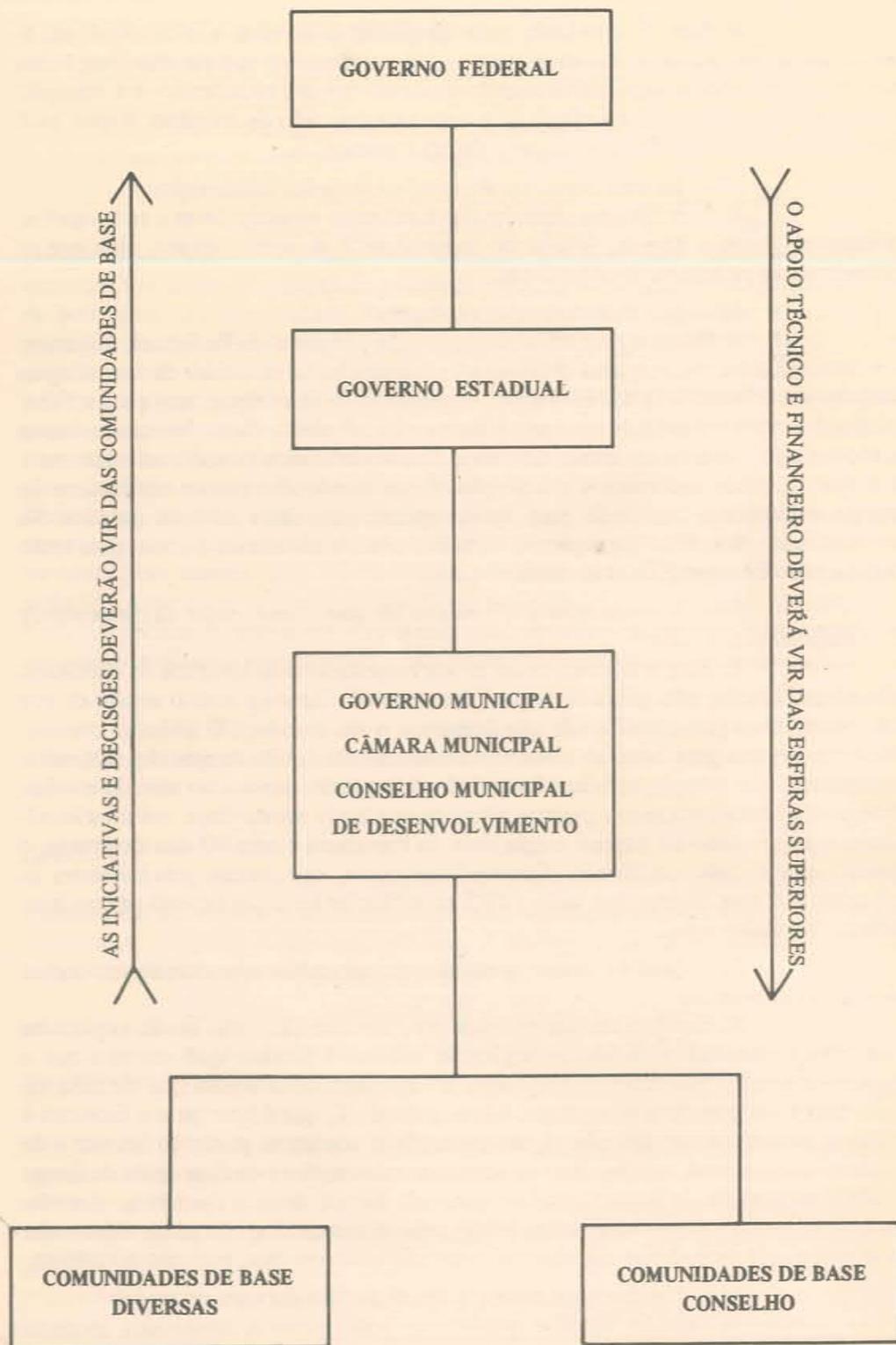
R: Sim, o homem gosta de ver respeitado seus instintos de consideração e conservação; não gosta de imposições e nem de fazer ou aceitar aquilo de que não necessita ou para o qual ainda não despertou o seu interesse. O trabalho comunitário é o veículo para levar ao homem e à comunidade aquilo de que eles realmente necessitam, isto porque, as iniciativas sendo deles, tudo passa a ter sentido e valor. Nós construímos uma escola porque achamos que havia necessidade, em uma localidade; o proprietário do terreno exigiu tudo da Prefeitura e com 90 dias de pronta, o prédio estava todo danificado. Construímos outra, que nasceu pela iniciativa da comunidade; eles ofereceram tudo e há 3 anos funciona e o prédio está em perfeito estado de conservação.

10 – *Qual é o maior problema do agricultor com relação aos órgãos de crédito e técnico?*

R: Existem muitas riquezas no País que não estão sendo exploradas por falta de zoneamento. São os órgãos de crédito e técnico que dizem o que o agricultor deve ou não fazer. O certo seria levar ao agricultor aquilo que ele acha válido, pois é ele que deve saber o que é bom para ele. O que é bom para o Governo e para as grandes empresas nós já sabemos. Se a iniciativa partir do homem e da comunidade, mesmo errada, eles vão aceitar as orientações e dedicar-se-ão de corpo e alma no sentido de fazer o melhor possível. Sendo deles a iniciativa, eles vêm receber o técnico na porteira, todos felizes, mas se a iniciativa não partir deles e sim imposta, eles se escondem e mandam falar que não estão em casa, para não ofendê-los.

11 – *Por que você chama o Brasil de país das concentrações?*

R: Veja: Os Estados produtores concentram as rendas dos consumi-



dores; os Municípios produtores concentram as rendas dos consumidores; os recursos, incentivos fiscais e riquezas estão concentrados nas mãos dos grandes, que são a minoria; a mão-de-obra está concentrada nos grandes centros e assim sucessivamente.

12 – *Você condena os órgãos e entidades com finalidades paralelas.*

Por quê?

R: A existência de órgãos e entidades com finalidades paralelas no âmbito Federal, Estadual e Municipal tem sido a causa das dificuldades do País, pois cada um quer fazer sua manchete em separado e não atingem o homem e a comunidade naquilo de que necessitam e com isto estão gastando um rio de dinheiro.

Vejamos: fortunas são gastas em infra-estrutura necessária à manutenção de tais órgãos e entidades citadas, pois para cada atividade são mais salas e mais pessoal para fazer a mesma coisa e não chegam a nada. O homem está desacreditando nos mesmos, pois um procura tirar as condições do outro para atingir a meta do governo, que é o homem.

13 – *Você acha válido uma Reforma Administrativa?*

R: Sim. E com urgência, a fim de colocar muitas coisas no lugar certo e extinguir os órgãos e entidades com finalidades paralelas, permanecendo apenas um na esfera federal, um na esfera estadual e um na esfera municipal e que os três viessem somar as ideologias, recursos financeiros e humanos. Esses órgãos deveriam respeitar as iniciativas que partem do homem e da comunidade e fornecer-lhe a assistência necessária. Assim o governo gastaria menos e atingiria sua meta.

14 – *E como fica o homem com a existência de órgãos e entidades paralelas?*

R: O homem não passa de um elemento para ilustrar os relatórios desses órgãos e entidades, a fim de justificar junto às autoridades constituídas a utilidade dos mesmos, quando são totalmente deficitários e muito longe da realidade. O homem já está cansado de servir de laboratório para a maioria dos órgãos e entidades fazerem experiências à custa do seu sacrifício físico e financeiro, tornando-o desacreditado e fugindo de tudo.

15 – *Você disse que o nosso sistema é igual ao pai italiano conservador. Por quê?*

R: O italiano conservador do qual sou descendente, portanto posso falar, escolhe a noiva, os móveis e a casa para os filhos e determina o que eles devem ou não fazer. Quando morre, os filhos ficam perdidos, como cegos num tiroteio. Não sabem como tomar decisões e iniciativas. Assim é o nosso sistema: – O governo é quem determina as iniciativas através de créditos, zoneamentos, medidas econômicas e sociais, quando a comunidade é que deveria dizer ao governo de que é que está necessitando para desenvolver um projeto econômico. O governo precisa acreditar mais no homem, dando-lhe apoio, responsabilidade e confiança. Se o governo continuar tomando as decisões, muito breve ele irá acomodar o homem e a comunidade, tornando-os inúteis, revoltados, sem iniciativas e esperando tudo das autoridades constituídas.

16 – *Você disse que o homem hoje tem medo de ser idealizador. Poderia explicar o porquê?*

R: O homem, com seu espírito egoísta e já acomodado, não quer mais assumir o risco das iniciativas e quando alguém as tomam, ele terá de enfrentar o desafio dos acomodados, as críticas dos que nunca fizeram nada, a falta de apoio dos invejosos e despeitados, a incompreensão e a desconfiança dos que já não acreditam em mais nada e finalmente a pressão dos que detém o poder.

Vocês já viram alguém desconfiar ou falar de quem nunca fez nada e que se preocupa apenas com seus interesses? Pois bem, nenhum vulto bíblico ou histórico que conhecemos deixou de ser vítima do ódio, da inveja e da perseguição. Ser idealizador, hoje, é chamar a desgraça sobre si próprio e sobre sua família. No trabalho comunitário acontece o contrário, há uma conscientização e as iniciativas são tomadas em comum. Todos assumem o risco dos erros e acertos.

17 – *Você disse que o governo está se deixando levar?*

R: O governo está se deixando levar por pressões e influências de terceiros, no sentido de corrigir o grande problema social e econômico com medidas paliativas. Corrige apenas em parte os efeitos dos problemas sociais, aumentando a cada dia a causa desses problemas. Com esta medida ele está apenas acomodando o homem e não o promovendo. Se ele resolvesse as causas dos problemas, principalmente o econômico, resolveria automaticamente o social, com um melhor mercado de trabalho, melhor distribuição das rendas.

18 – *Você critica as diretrizes do Governo. Por quê?*

R: O Brasil é um país privilegiado por Deus. Existem nele riquezas de todas as ordens para serem exploradas. Com sua grande extensão territorial, tem clima, solo, costumes, frequência de chuvas, variando de região a região. Desta forma, não poderá continuar mantendo suas diretrizes uniformes para todo o País. E é justamente o que vem acontecendo com os critérios de aplicação do Fundo de Participação dos Estados e dos Municípios (FPE e FPM), com a morosidade e a burocracia para se zonear, para financiamentos destinados à exploração de determinadas riquezas. O governo, com essas medidas, está deixando de aproveitar o manancial de riquezas, causando um sério problema econômico e social, forçando uma super produção em determinadas atividades, jogando o homem ao abismo, deixando outras riquezas e atividades sem ser exploradas, e que poderia constituir a diversificação alternada e evitaria deixar o homem entregue ao destino da oferta e da procura.

19 – *Você falou sobre a equação dos choques de classe no meio rural. Como isto aconteceu?*

R: Reuni cinco grandes, cinco médios, cinco pequenos proprietários rurais; cinco meeiros e cinco empregados conscientes. Em uma mesa redonda, debatemos muito e encontramos uma solução que agradou a gregos e troianos. Hoje os grandes proprietários estão dando o maior apoio a este trabalho, isto porque com uma exploração agrícola moderna, a propriedade deles, proporcional à sua extensão, é a que vai sofrer a maior valorização e ele terá mão-de-obra eficiente e sem problemas. Tudo é questão de conscientizar o homem, que está vivendo a era do egoísmo, preocupado apenas com seus interesses e permanecendo alheio à realidade que o cerca. Veja: – Se nós encontrarmos uma solução, é bom para todos, isto porque, sem esta solução, haverá choques de classes para o uso e posse da terra e quem vai

levar a pior são os grandes, que são a minoria. Então, antes que o problema cresça, vamos cortar-lhe a cabeça. É melhor esta solução que é amigável do que uma solução violenta, com choques e derramamento de sangue.

20 – *Qual é a grande dificuldade dos Municípios de vida agrícola?*

R: A conscientização, a falta de polimento empresarial, de iniciativas, o medo de assumir o risco. Todos esperam que as iniciativas partam do Prefeito e se ele, por falta de conhecimento também não as toma, o Município fracassará.

21 – *Qual é a grande falha dos Prefeitos Brasileiros no seu ponto de vista?*

R: É a falta de planejamento, de iniciativas ou medo de tomá-las. Esperam tudo do Estado e da Nação; preocupam-se apenas com as receitas transferidas; não se preocupam com a recuperação econômica do Município. O que realmente os preocupam é não deixar nada para o sucessor, com despeito e inveja, com medo dele fazer um bom trabalho. Ao invés de recuperar economicamente o Município, procuram liquidá-lo o máximo possível e se esquecem de que se o Município subir, eles estão subindo juntos e se ele cair, estão caindo também. Procuram trancar certos melhoramentos que estão em vias de serem canalizados para o Município, a fim de não dar a paternidade do filho a segundos. Já entram na política e na Prefeitura pensando em si próprios, em seus cabos eleitorais, favorecendo uma meia dúzia de privilegiados e marginalizando uma população inteira. Preocupam-nos o “status” perante a sociedade. A grande ambição em assumir o pátrio poder de certas iniciativas é o fracasso de muitos Prefeitos. Visam muito à promoção pessoal, gostam de ouvir falar em seus nomes, provocam manchetes na imprensa e deixam de apoiar iniciativas benéficas.

22 – *Qual o economista que você se afina?*

R: Eu nunca procurei estudar os economistas, o que fizeram ou deixaram de fazer. Cumpra a eles estudarem o que estou fazendo e dar nome ao meu trabalho.

23 – *Como o governo está vendo este trabalho?*

R: No início, acharam que eu era seguidor de Marx, mas agora estão vendo que este trabalho é o remédio para o municipalismo brasileiro.

24 – *Por que você se filiou no Partido Democrático Social, PDS?*

R: 1º - O programa do partido é muito bonito e atende o homem em todo seu universo. Só que por enquanto está apenas no papel e nós estamos colocando em prática; 2º - Enquanto eles ficam com o P do Partido, nós estamos desenvolvendo o D do Democrático e o S do Social.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1. O ÊXODO RURAL

A migração rural é um fenômeno típico dos países em desenvolvimento industrial.

Depois de alguns anos de euforia com o crescimento urbano-industrial,

começam aparecer as consequências do peso que tal modelo de desenvolvimento trouxe para o país. No Estado do Espírito Santo, que é o nosso caso, os grandes projetos industriais foram concentrados na área da grande Vitória; os pequenos projetos, segundo os que detêm o poder, são inviáveis. A imprensa falada e escrita, deram a maior ênfase a tais projetos, mostrando para a população interiorana a quantidade de mão-de-obra disponível; daí, a correria do homem do meio rural em busca de melhores dias. A área da grande Vitória não estava preparada para tal evento e muito menos em condições de sustentar um fluxo contínuo de mão-de-obra do meio rural. Esse desenvolvimento centralizado começa a apresentar os primeiros sinais de saturação; as condições de vida caem de nível e a população, marginalizada economicamente, cresce a tal ponto que os problemas sociais preocupam toda a população.

Enquanto isso, o meio rural se vê relegado ao esquecimento, e está sujeito, pela falta de resistência econômica que apresenta, ter cada vez mais suas unidades produtivas transformadas em latifúndios, que pouco ou quase nada representam em termos de produtividade.

A área da grande Vitória está desgastada e o meio rural sem ninguém. A população do meio rural na faixa de 18 a 35 anos de idade, que constituía a nossa força de trabalho, foi arrastada ilusoriamente em busca de uma vida melhor nas proximidades dos grandes projetos industriais, constituindo um exército de favelados, sujeitando-se a um sub emprego, enquanto que o meio rural, ficou com aquela população que em termos de idade, pouco representa como força de trabalho, dando-o uma aposentadoria aos 65 anos, quando se sabe que aos 50 anos já está totalmente desgastado, e ninguém o quer para o trabalho árduo do meio rural.

Já é hora de se pensar numa mudança gradativa no modelo econômico, na construção de uma política agrícola capaz de melhorar as condições imediatas de vida das comunidades rurais, criando meios para fixar o homem à sua terra, incentivar a participação da comunidade nas decisões a serem tomadas, nas atividades diretamente produtivas e na infra-estrutura social, a fim de possibilitar um planejamento que condiz com a realidade do homem do campo. Fato este, que se deve às transformações sofridas pela economia capixaba nos últimos anos, dando prioridade absoluta ao desenvolvimento industrial em detrimento das atividades agrícolas. Registram-se inúmeras obras de arte de segunda necessidade nos grandes centros, muitas delas até ociosas, cujo valor daria para estruturar todo o meio rural e salvar o pouco que ainda resta. Temos como exemplo, a terceira ponte, que parcialmente o problema já foi equacionado com a segunda e pode esperar um pouco mais.

8.2. CAUSAS DAS MIGRAÇÕES

Esse êxodo interno tem como principais causas:

- a) o crescente aumento do desemprego rural e a esperança de melhores dias nos grandes centros urbanos;
- b) o desequilíbrio entre a estrutura do campo e da cidade, isto porque

os períodos de trabalho no campo não são contínuos e o homem só encontra o que fazer na época das colheitas;

c) a falta de crédito no meio rural e as altas taxas de juros têm impedido o agricultor de investir na propriedade, diminuindo assim, o mercado de trabalho e a formação de novas riquezas;

d) a constante queda no total da produção agrícola;

e) as dificuldades impostas pelos órgãos competentes quanto a viabilidade econômica para a organização de cooperativas ou formação de grupos, que estão acima do conhecimento do homem do campo, para a exploração de muitas riquezas;

f) a diminuição progressiva na produção agrícola não recebeu ainda um aumento correspondente ao do setor industrial e o fenômeno do desemprego sofreu apenas uma transferência, criando o sub emprego;

g) o aproveitamento desorganizado no desenvolvimento agropecuário do espaço natural e na destinação de sua fauna e flora;

h) a falta de um planejamento para o melhor aproveitamento dos solos, da vegetação, das reservas de água e dos vales úmidos;

i) a falta de estabilidade econômica força o homem do meio rural a não pensar em termos de fixação. Para ele tudo é transitório e provisório, e se atrai facilmente para as regiões novas e inicia a derrubada de matas e utiliza as queimadas; a cinza concorre para fertilizar o solo durante alguns anos, posteriormente a produção vai diminuindo, não compensando a utilização do adubo químico dado o alto preço, o homem se vê forçado a abandonar o campo em busca de novas matas a derrubar. Com a saída, a erosão acaba de esgotar o solo, inutilizando toda a terra, provocando a queda cada vez mais na produção agrícola, que é agravada ainda mais pelo sistema latifundiário, desaparecendo as pequenas e médias propriedades e provocando o êxodo rural;

j) os critérios e os serviços públicos estão dirigidos para a monocultura, que maiores divisas fornecem ao país através de exportação e o equilíbrio do balanço de pagamento e uma cultura de subsistência;

l) a falta de apoio para a industrialização dos produtos agrícolas, pois, as atividades agropecuárias não estão sendo consideradas básicas para a alimentação do povo e nem como base industrial para as pequenas e médias empresas agrícolas;

m) a incidência das secas que reduz a produtividade da terra e diminui as condições de vida, o que é agravado pela predominância de enfermidades decorrentes das precárias condições de saneamento básico, habitacional e nutricional;

n) a mão-de-obra do meio rural, pouco representa como força de trabalho, o que reflete na diminuição da taxa de participação e o elevado ônus econômico da população ocupada, sendo que a maioria que resta explora uma precária agricultura típica extensiva e uma minoria aos serviços de baixa produtividade que detém alto nível de sub emprego, sendo que, a maioria da mão-de-obra que constituía a força de trabalho do meio rural, hoje está ocupada no setor industrial

concentrado nos grandes centros, onde a absorção de mão-de-obra é fraca, e com isto eleva o número de desemprego na zona urbana;

o) o nosso próprio sistema econômico, incentiva a criação de contingentes de mão-de-obra nos centros industriais, reforçando a transformação de área de lavouras em pastos para a pecuária extensiva, atividade que ocupa pouca gente e o homem parte para os grandes centros em busca de melhores condições de vida;

p) a nossa estrutura agrária não está preparada para enfrentar este desafio — “a explosão da mão-de-obra” — e nem para introduzir no meio rural um processo tecnológico que poupa a mão-de-obra, acarretando uma expropriação dos camponeses, parceiros e outros agricultores não proprietários;

q) uma das grandes causas são as inúmeras imobiliárias da área da grande Vitória que percorrem o interior induzindo ao agricultor a adquirir lotes, dado à valorização e o mercado de trabalho próximo as grandes indústrias;

r) a existência da monopolização das propriedades rurais com o apoio do próprio INCRA, com este pecaminoso critério de fração mínima de parcelamento, constituindo-se latifúndios e privando o homem do campo de seus meios de sobrevivência, restando-lhe somente o papel de bóia fria, ou de operário não qualificado de um centro industrial urbano, sem assistência médica, pois, uma hora é beneficiário do Funrural, outrora do INPS, dado a atividade que exerce, mas que nada pode provar, porque sua situação é irregular.

8.3. FIXAÇÃO DO HOMEM AO CAMPO

Dentro do objetivo geral de fixar o homem ao campo, citamos as providências a serem tomadas quanto às causas da migração, bem como, oferecer ao homem do campo as condições mínimas para o seu trabalho, evitando o êxodo rural com a implantação de um programa que venha beneficiar os agricultores de baixa renda, normalmente marginalizados pelo processo de desenvolvimento e principais componentes do fluxo migratório para os grandes centros urbanos.

Nas pequenas cidades do interior, onde vive uma grande maioria desses agricultores migrantes, nada está sendo feito neste sentido e muito menos no desenvolvimento de um trabalho comunitário, onde esses migrantes tenham condições de expor seus problemas, e mediante essas informações é que seria então elaborado um plano de trabalho, visando ao melhor aproveitamento administrativo, técnico, econômico e financeiro dos recursos disponíveis. Daí, é que saem os planos e diretrizes que orientarão a comunidade a opinar sua viabilidade, sugerir as providências a serem tomadas, e não como vem sendo feito: todas as providências vêm de cima, sem consultar as pessoas que deveriam ser atingidas.

Dentro deste trabalho comunitário, procuramos exercer uma influência educativa com os produtores rurais de baixa renda, sem paternalismo, é lógico, procurando reduzir o custo de produção e assumindo a direção das atividades.

Há necessidade de uma melhor assistência financeira, técnica e de captação de mão-de-obra rural, visando a acelerar a criação de núcleos comunitários,

orientados para a exploração agropecuária, promover a utilização adequada dos recursos naturais e a nacionalização da combinação dos fatores de produção, de modo a promover excedentes comercializáveis, particularmente de arroz, feijão, milho, mandioca e de produtos hortifrutigranjeiros, bem como, de animais de pequeno porte, estimular a piscicultura resultante de açudes construídos, de maneira a permitir a utilização da produção para o consumo direto dos agricultores, a fim de complementar os períodos ociosos após a safra, implantar a infra-estrutura mínima, capaz de solver os pontos de estrangulamento na comercialização da produção do agricultor de baixa renda. Exemplo: Criação de cooperativas comunitárias de indústrias caseiras, cujo objetivo seria concentrar e comercializar a produção; promover cursos de aperfeiçoamento e profissionalizantes, dentro das atividades a serem desenvolvidas, com base nas riquezas existentes em cada região, bem como, providenciar a matéria-prima necessária, de acordo com a demanda do mercado; assistir as comunidades rurais, através da recuperação de vales úmidos, perfuração de poços artesianos, construção de açudes e de canais de irrigação, visando a combater os efeitos das enchentes e secas; incentivar a instalação de agroindústrias, a fim de garantir aos pequenos proprietários maior ganho de produtividade no beneficiamento dos produtos típicos; estradas vicinais, eletrificação rural, organização de cooperativas e sistema de armazenamento, a fim de apoiar o pequeno produtor, no sentido de elevar sua produção; promover assistência médica-sanitária e educacional aos trabalhadores rurais e seus dependentes; criar meios estratégicos para o desenvolvimento comunitário; executar obras de saneamento e melhoria de habitação, visando a facultar condições mais razoáveis de assistência ao trabalhador rural; desenvolver programas assistenciais e de promoção comunitária, mediante um processo contínuo de ação integral; estabelecer e desenvolver padrões de eficiência, de qualidade e de produtividade.

As autoridades constituídas estão se preocupando com os efeitos dos problemas sociais nos grandes centros, porém se esqueceram de estudar as causas desses problemas e de tomar medidas enérgicas.

A comunidade de Boa Esperança está se preocupando com um modelo singular de desenvolvimento econômico, social e político fundamentado na participação de todos na construção dos bens sociais e na distribuição equitativa dos produtos originários desses mesmos bens.

Com sua economia assentada na produção agrícola e pastoril, onde vamos encontrar o café conilon, a pecuária de leite e corte, a mandioca, pimenta do reino e culturas de subsistência, bem como parte para a exploração do álcool, cujo projeto tem um caráter altamente econômico-social, onde a maioria dos proprietários participarão da empresa em regime de igualdade absoluta, sem a concentração do projeto nas mãos de poucos em detrimento dos demais. A comunidade de Boa Esperança tem em curto espaço de tempo, obtido excelentes resultados com este modelo de trabalho, merecendo destaque:

a) a identificação e a participação de todas as classes sociais em torno de um objetivo comum; a construção de uma sociedade estável e justa, onde suas instituições estejam a serviço do homem;

b) um programa racional de investimentos públicos, induzido pela própria comunidade, que estancou e inverteu o processo migratório, aumentando o nível de renda interna do município e viabilizou um conjunto de medidas de caráter social, especialmente no campo da educação e saúde pública;

c) a co-gestão nos negócios públicos, tornando cada cidadão responsável por uma parcela relevante do desenvolvimento municipal.

Esperamos que este trabalho sirva de modelo a todos quantos comungarem com nossos ideais de bem servir ao povo, permitindo que todos tenham condições de prosperar e viver dignamente em comunidade.

Composto e Impresso na
GRÁFICA COMERCIAL LTDA.
Colatina - ES